

UM OLHAR SOBRE A ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS

ESTRATÉGIAS EM EJA

De Angelis, Stela Presser

Um olhar sobre a alfabetização de adultos. Estratégias em EJA – São Paulo – Edição do Autor, 2015

1. Educação – Observações pedagógicas – Estratégias. I. Título

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-919415-0-6



9 788591 941506

Prefixo Editorial: 919415

UM OLHAR SOBRE A ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS

Estratégias em EJA

Stela Presser De Angelis

1ª edição
Edição do Autor
São Paulo, 2015

SUMÁRIO

Prefácio

Introdução - Alfabetização de adultos - afinando o olhar	9
A mediação como intervenção	13
O professor mediador - Uma forma de mediar em casos de dificuldade de aprendizagem	16
Descrição do trabalho com alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem	23
Exemplos de atividades voltadas para o desenvolvimento dos pré-requisitos necessários à alfabetização	25
da "Privação cultural" de acordo com as teorias de Reuven Feuerstein	52
A percepção do problema	
Os passos para a sua resolução: organização, projeção, hipótese	53
A devolutiva dos resultados com a justificativa dos caminhos	
Tomados	54
Dinâmicas	59
Dinâmica inicial da alfabetização	
Dinâmica do ditado	61
Dinâmica da produção de texto: ortografia, pontuação	63

Dinâmica da segmentação	67
Dinâmica do uso das letras do alfabeto	68
Dinâmica do uso do dicionário	69
Dinâmica das palavras cruzadas	72
Dinâmica do uso de jornais	73
Dinâmica do aperfeiçoamento ortográfico: dinâmica A e dinâmica B	75
Dinâmica do uso de suporte literário	79
Dinâmica das letras móveis	81
Sugestões de conteúdo e mediação	85
Pré-silábicos e silábicos sem/com valor sonoro	
Silábico-alfabéticos, alfabéticos e ortográficos	
Oficina de matemática	88
Geometria	89
Grandezas e medidas	
Operações	
Tratamento da informação	90
Conclusão	93
Referências Bibliográficas	95

Prefácio

Não há seres educados e não educados.

Estamos todos nos educando.

Paulo Freire

Quando iniciei este trabalho, tinha em mente coletar e sistematizar minhas experiências no campo docente, orientada pelos preceitos veiculados na formação continuada oferecida aos professores, tanto pela rede municipal de ensino como pela escola particular, das quais tenho participado ao longo dos anos, mesmo antes da faculdade de Pedagogia, já no curso de Letras, e tendo sido professora de língua estrangeira.

O que é relatado aqui foi e continua sendo experimentado e vivenciado por mim em sala de aula na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Não considero o livro acabado. Digo isso porque estamos sempre aprendendo com nossos alunos e reformulando, portanto, as estratégias de abordagem, bem como redirecionando nosso foco e redimensionando nossas expectativas.

O presente “relato de experiência”, se é que posso chamá-lo assim, traz a fundamentação teórica junto com a prática, e uma prática sob a forma de “receita” (termo polêmico, reconhecimento). “Não há receita na educação”, dizem alguns. Gostaria de explicar o uso desse termo. Lembremo-nos de que receitas são adaptáveis e ingredientes podem ser substituídos. A receita, então, passa a ser importante como uma base, um princípio, um norte. A partir dela, será o aluno que determinará a posologia e os itens necessários para o bom andamento da “preparação do prato”.

Há momentos em que as abordagens em sala de aula são coletivas, mas, na maioria das vezes, detectam-se individualidades que não podem ser negligenciadas ou ignoradas. É aí que acontecem as adaptações das “receitas”.

O controle da ansiedade do professor e a sensibilidade para perceber essas nuances são de fundamental importância para que isso aconteça.

Acredito que, quando lidamos com pessoas, nada é simples, nada é óbvio. É, sim, um caminho de descobertas.

Introdução

Alfabetização de adultos - afinando o olhar

Considera-se o analfabetismo na vida adulta uma somatória de carências, dentre as quais se podem destacar as carências culturais, emocionais e funcionais. Logo, alfabetizar um adulto significaria ir muito além da decodificação do idioma que ele já fala. Significaria resgatar o tempo perdido; preencher lacunas do seu desenvolvimento; reorganizar prioridades e conseguir focar determinados objetivos para os quais o encaminha esta nova estrada.

Mas não é via de mão única. Quando se busca a escola “tardamente”, pressupõe-se aí uma urgência, uma necessidade. Ou ainda o preenchimento de um vazio, como algo que ficou por terminar e que motiva o aluno a procurar os bancos escolares. O esforço do professor, portanto, deverá vir acompanhado da persistência e paciência do aluno.

Se exigimos do aluno uma postura objetiva, atuante, bem como predisposição a se submeter às tarefas escolares, não devemos nos esquecer de que nosso papel, como educadores, reveste-se de extrema responsabilidade. Precisamos ter em mente que, muitas vezes, lutaremos contra o imaginário do adulto que relaciona estudo com intermináveis lições enchendo os cadernos; que acredita que a cartilha será o seu principal instrumento se ele quiser se alfabetizar; que a escola é o que era há trinta, quarenta anos, quando mal se conheciam as teo-

rias de Emília Ferreiro¹, ou seja, quando sobejavam exercícios de repetição para decorar sílabas e com elas formar palavras.

Lembremo-nos do nosso percurso escolar. Vinham até nós os professores e os cadernos enchiam-se de lições! Todos ficavam satisfeitos: nossos pais, porque viam que os professores eram exigentes; os professores, porque acreditavam no empenho dos alunos; e nós, crianças, porque sabíamos que, quando pais e professores ficavam contentes, as recompensas chegavam gordas e generosas sob a forma de elogios, presentes, estrelinhas e *parabéns* no caderno. Se nós aprendíamos ou não era outra questão.

Muitas vezes surpreendemos a frustração no olhar do adulto que está se alfabetizando, quando ele percebe que, a essa altura, as coisas não são bem assim. Os tempos são outros e há que se considerar que esse aluno traz uma vida de experiências e conhecimentos, o que o coloca, portanto, como coautor no seu processo de aprendizagem. Com o tempo e o amadurecimento, ele fatalmente perceberá que não são mais terceiros que ganham com o seu sucesso, e sim ele próprio.

Ocorre, ainda, com certa frequência, outro fator de impedimento com o qual se depara o professor: a baixa autoestima desse adulto, que considera a interrupção dos estudos quando criança como um fracasso. Teme, assim, um *segundo* fracasso, não acreditando na sua potencialidade, o que colabora para um bloqueio: “Está tudo errado!”, “Não consigo!”, reclama, antes mesmo do parecer do professor, como a se desculpar por ser “pessoa adulta” ou “idosa” cujo “tempo de estudos já passou” e que “agora a cabeça não ajuda”. Tenho, por

¹Emília Ferreiro, anos 1980. Para saber mais: Ferreiro, E. e Teberosky, A., *Psicogênese da Língua Escrita*, ed. Artmed.